

## OS ASTECAS E SUA RELAÇÃO COM A MORTE

Antônia Ellita Correia de Sousa  
Kátia Adriano M. da Silva  
Sílvia Helena de Mendonça Fontenele

### RESUMO

O presente trabalho mostra o comportamento asteca diante da morte, abrangendo suas crenças, rituais de sacrifício humano e culto aos mortos. Partindo do princípio de que a morte é um processo natural culturalmente apropriado de diferentes modos. Enfocamos os mitos de passagem para o além-morte, problematizando as características do povo asteca. Como um povo guerreiro e sanguinário podia, ao morrer, se transformar em colibris ou borboletas?

**Palavras-chave:** Morte; Cultura; Astecas.

### INTRODUÇÃO

Nosso propósito neste trabalho é focar a atitude poética diante da morte que os astecas possuíam e que contrastava com a prática sanguinária comum de seus rituais religiosos, “apesar de sua feroz reputação, os guerreiros astecas aspiravam a um curioso paraíso após a morte; talvez essa idealização do éden seja mais reveladora da sensibilidade de sua cultura que as apavorantes cerimônias realizadas no Templo Maior”.<sup>1</sup>

O que se tem escrito sobre os astecas prioriza o lado mais sombrio desta sociedade. Em diversos relatos sobre esse povo, os aspectos mais destacados são os rituais sanguinários com sacrifícios humanos e a crueldade de seus guerreiros. O fascínio que o lado mais assustador da cultura asteca exerce sobre alguns autores nos parece que colocou em segundo plano outras características interessantes dessa sociedade, o que foi constatado com a escassez de fontes para o desenvolvimento deste artigo.

Trataremos aqui da relação dos astecas com a morte, pontuando o aspecto tenebroso dos rituais religiosos e a relação natural com que eles encaravam a morte. Tentaremos desvendar a mitologia da morte vivenciada pelo povo asteca, como eles a entendiam e ritualizavam.

A significação simbolista de um fenômeno tende a facilitar a explicação dessas razões misteriosas, porque liga o instrumental ao espiritual, o humano ao cósmico, o casual ao causal, o desordenado ao ordenado.<sup>2</sup>

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ASTECAS

Para que se compreenda a relação contraditória dos astecas com a morte é preciso conhecer um pouco da cultura, religião, educação e política desse povo. Acredita-se que os astecas, a princípio povos guerreiros e nômades, tenham partido do noroeste do México e iniciado uma longa migração. O mesmo se deu com outras tribos que disputavam território. A rivalidade entre grupos indígenas possibilitou a destruição do império tolteca por tribos vindas do norte, facilitando o estabelecimento dos astecas nas ilhas do lago *Texcoco*. Deram ao lugar o nome de *Tenochtitlán*, hoje cidade do México, que contava com uma população de 500 mil habitantes. Alguns núcleos urbanos se desenvolveram em torno da área central. *Tlatelolco*, *Azcapotzalco*, *Tlacopán*, *Coyacán* e *Tepeyacac* formavam um conjunto cuja população deveria alcançar um milhão de habitantes.

Da dispersão em cidades-Estados independentes e rivais que caracterizou o México central depois da queda do império tolteca, emergiu finalmente - depois de complicado processo que não podemos descrever aqui - a hegemonia de uma delas, Tenochtitlan, a cidade dos mexicas ou astecas, fundada numa ilha do lago Texcoco, no Vale do México.<sup>3</sup>

Sua sociedade se estruturou em uma rigorosa ética social e política, dividida em duas partes: a aristocracia e o povo, subdivididos em artesãos e agricultores. O comércio era dominado pelo imperador. As tarefas eram divididas. Em quase todos os lares as mulheres passavam seus dias a fiar, tecer e moer o milho - o principal alimento asteca. Os homens trabalhavam no campo e eram também carpinteiros, marceneiros, pedreiros.

A sociedade era rigidamente hierarquizada: o governante, semi-divino, situava-se no topo da pirâmide social, seguido pela aristocracia (chefes militares, sacerdotes e altos funcionários do estado), Artesãos de elite e comerciantes, camponeses e, por último, os escravos (prisioneiros de guerra, indivíduos que haviam sido punidos por crimes, ou vendidos pelos pais).<sup>4</sup>

Esse povo que habitava o México antes da conquista espanhola, possuía uma civilização em grau muito adiantado, deixava que a natureza lhes tecesse a vida, interligando morte, religião e cultura numa complexa colcha de retalhos. Eram politeístas e a religião estava vinculada à ciência. Os sacerdotes astecas não tinham suas vidas consagradas ao trabalho nem à guerra, assim lhes sobrava tempo para a leitura, o desenvolvimento da matemática e a astronomia. Baseados na astronomia criaram o calendário em que podiam prever os bons períodos para a plantação e colheita.

Unos sacerdotes especializados, llamados tonalpouhque, interpretaban los signos y los números en circunstancias como el nacimiento, el matrimonio, la partida de los comerciantes a comarcas lejanas y la elección de jefes. Cada día o cada serie de 13 días eran juzgados fastos, nefastos o indiferentes en función de las divinidades que los presidían.<sup>5</sup>

A astronomia influenciava em muito a vida dos astecas. Desde o nascimento estava pré-determinada a vida da criança, a escolha do nome e a profissão pelos dias, alguns considerados bons, outros ruins. O signo designava o destino de cada um na terra, bem como as circunstâncias de sua morte. A observação dos astros dava respaldo para o desenvolvimento e ampliação das crenças. Possuíam dois calendários diferentes, o oficial, que tinha 365 dias, era composto de 18 meses de 20 dias e de mais 5 dias nefastos no final do ano. Esses cinco dias eram dedicados aos deuses e aos muitos sacrifícios e não se podia trabalhar. O outro calendário possuía 365 dias onde se media a duração das semanas (três dias cada). Era destinado a crenças religiosas, festas e sacrifícios. Cabia aos deuses a abundância das colheitas, a vitória militar, o êxito pessoal e muitos outros acontecimentos. Havia tantos deuses que todos os dias eram feitos rituais para atender as necessidades das divindades.

Os astecas consideravam o mundo um lugar instável, em que as colheitas, os homens e até os deuses estavam ameaçados por catástrofes naturais. Houve uma época

intensa em que furacões, tempestades e secas provocaram epidemias horríveis, fazendo com que os astecas intensificassem as práticas sacrificiais a fim de amenizar a ira dos deuses. O que se questiona não é o sacrifício em si, mas a crueldade praticada com o sacrificado.

Se o coração ia ser arrancado, levavam a vítima com grande pompa e grande afluência de gente ao pátio do templo... então o executor se aproximava e, com a ajuda de uma faca de pedra, com muita crueldade e habilidade, desferia um golpe entre as costelas, do lado esquerdo, abaixo do peito. Mergulhava vivamente a mão na cavidade, se apoderava do coração, como o faria um tigre furioso, e o retirava para fora ainda vivo. Colocava-o num prato e o entregava ao sacerdote que ia, prontamente, lambuzar as faces dos ídolos com esse sangue fresco.<sup>6</sup>

## **A MORTE COMO CONDIÇÃO HUMANA**

Estará melhor ou pior no mundo em que foi acordar depois da sua morte? Terá se decepcionado ou encontrou lá precisamente aquilo que desejava?

Um dia todos nós saberemos.<sup>7</sup>

A morte é um fator biológico inerente a todos os seres vivos, mas somente o homem é capaz de revesti-la de significados. Em diferentes culturas a morte se traveste das mais variadas simbologias na tentativa de explicar o mistério que a envolve. Segundo Ariés, diversas atitudes diante da morte foram desenvolvidas durante os séculos na cultura cristã ocidental, designadas por ele de “a morte domada; a morte de si mesmo; a morte do outro e a morte interdita”.

“A morte domada” seria aquela em que se sabe que vai morrer. Uma morte esperada no leito com cerimônia pública organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece seu protocolo, coexistência entre vivos e mortos. A familiaridade tanto com a morte quanto com os mortos, era uma forma de aceitação da ordem da natureza, ao mesmo tempo ingênua da vida cotidiana e sábia das especulações astrológicas. Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava evitá-la ou exalta-la, simplesmente a aceitava.

“A morte de si mesmo” tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo. Neste tipo de morte havia três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo, de sua própria biografia e as do apego apaixonado às coisas e aos seres possuídos durante a vida.

“A morte do outro” caracteriza-se pela maior dificuldade dos sobreviventes em aceitar a morte do outro, do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro. A morte passa a ser exaltada, dramatizada. É o fim do sofrimento.

“A morte interdita” seria a morte que passa a ser escondida, banida do espaço familiar para as instituições hospitalares. Essa interdição da morte tem a finalidade de preservar a felicidade coletiva. O sofrimento existe, mas não se pode demonstrar. A morte passa a ser um tabu maior que o sexo.<sup>8</sup>

Para os astecas a vida se apresenta como um desafio. O sacrifício dignifica a própria existência, conduzindo-os a imortalidade. Os mortos desaparecem para voltar como seres da natureza.

Não é verdade, não é verdade que estamos nesta terra para viver. Nós aqui estamos para dormir e sonhar. Nosso corpo é uma flor. Como a relva que cresce na primavera, nosso coração se abre e floresce para depois fenecer<sup>9</sup>.

## **A VISÃO ASTECA DA MORTE**

Para os astecas, a morte se dava de maneira diferenciada, embora apresentasse algumas características com a “morte domada” e a “morte de si mesmo” descritas por Áries. Nutriam um sentimento especial diante do fenômeno natural que é a morte e encaravam-na como um espelho que refletia a forma como viviam e seus arrependimentos, acreditando que a morte iluminava a vida. No conceito pré-hispânico da morte, o sacrifício (o ato de morrer) se completava com a doação do espírito aos deuses.

O homem não conhecia uma eternidade diferente, conforme tivesse uma melhor ou pior conduta sobre a terra, mas de acordo com a maneira como foi morto. É

sintomático que os mundos da eternidade sejam muito semelhantes aos mundos terrestres partilhados pelos astecas. De um lado, os guerreiros e caçadores, fanáticos do deus-sol; de outro lado, os agricultores adeptos do deus das chuvas.<sup>10</sup>

Os astecas acreditavam que existiam cinco formas de morte. São elas: a morte comum, a morte dos guerreiros, a morte na pedra de sacrifícios, a morte relacionada à água e a morte de crianças pequenas. Apenas as quatro últimas proporcionavam a salvação incontestável.

O *Mictlán* era o lugar para onde iriam todos aqueles que tinham uma morte comum por causas naturais como a velhice, os acidentes e a maioria das doenças. *Mictlán* era considerado um lugar terrível porque significava o vazio, o nada, a morte estéril produto de uma vida igualmente classificada. O indivíduo que morresse dessa forma era mumificado, preparado com sua melhor roupa, plumas e jóias e depois cremado junto com comida, armas e objetos que supunham facilitar a jornada além-vida. A família continuava cultuando o morto por oitenta dias. Depois disso, anualmente até que se completasse quatro anos de sua morte, quando deixava de ser cultuado. Reza a lenda que o *Mictlán* era uma espécie de inferno que abrigava esses mortos por nove anos até que eles desaparecessem para sempre.

Uma das mais exaltadas era a morte dos guerreiros nos campos de batalha. Estava instantaneamente salvo aquele que morresse lutando. Estes iam morar com o sol por quatro anos e depois retornavam como colibris ou borboletas. Acreditava-se que as pessoas mortas nos rituais de sacrifício tinham o mesmo fim dos que morriam guerreando

De acordo com Códice Florentino, os guerreiros mortos em combate iam diretamente ao paraíso oriental, onde estariam a serviço do Sol, o “príncipe turquesa”. Todas as manhãs, antes da aurora, se reuniam em uma vasta planície para aguardar o nascimento do Sol, cuja chegada acolheriam com grande felicidade. Ruidosamente, manifestariam seu júbilo com o bater de espadas de madeira nos escudos. Dançando e cantando, acompanhariam o sol até o zênite.<sup>11</sup>

A morte na pedra dos sacrifícios era digna de salvação, assim como a dos guerreiros. A morte era diferente da dos guerreiros mas tinha a mesma importância e

por isso ambos iam para o mesmo lugar e reencarnavam igualmente em forma de colibris ou borboletas. A forma mais usual de sacrifício se dava através de um ritual onde o escolhido para o sacrifício era deitado numa tábua e tinha seu peito aberto pelo sacerdote com uma faca de sílex. Seu coração era retirado do peito ainda pulsando e oferecido ao deus homenageado e depois jogado numa pira para ser queimado. Além disso, o sacrificado tinha a cabeça cortada e o corpo incinerado.

Deverei, portanto, passar  
Como as flores que fenecem?  
Não restará nada de meu nome?  
Nada de minha celebridade sobre a terra?  
Ao menos flores! Ao menos cantos!  
Que poderá fazer meu coração?  
Para nada viemos,  
Para nada passamos neste mundo?

Gozemos, ó amigo, abracemo-nos!  
Agora pisamos a terra florida.  
Ninguém quererá que morram também  
As flores e os cantos;  
Eles continuam a viver  
Na casa do doador da vida.  
Aqui, sobre a terra, é a região do momento fugaz.  
Será assim também no lugar  
Onde se vive de uma certa maneira?  
Lá, podemos nos regozijar?  
Conhece-se a amizade nesse lugar?  
Ou então nos teremos conhecido  
Somente sobre esta terra.<sup>12</sup>

A morte relacionada à água, parto, raios e doenças como gota, sarna, lepra e ácido úrico era considerada uma boa morte, tranqüila, em que o morto tinha o direito de ser enterrado e passava a ser cultuado como um escolhido de *Tlaloc*: deus da chuva e da fertilidade, muito cultuado devido a aridez de algumas regiões do México.

A morte de crianças pequenas, consideradas puras, era envolta de magia, pois os astecas acreditavam que estas iam para um jardim florido onde viveriam por toda a eternidade, sob a forma de pássaros, voando entre as flores.

O imaginário asteca com relação à vida pós morte está intrinsecamente ligado ao respeito que eles devotam à natureza e à manutenção de sua civilização. Isso fica claro no destino previsto aos guerreiros mortos em combate e às pessoas sacrificadas em rituais. Os astecas eram um povo guerreiro e a sua civilização dependia desses homens para manter os territórios conquistados e continuar a triunfar. A exaltação da morte desses homens e o destino maravilhoso a que eles estavam predestinados indicavam a extrema crença dessa sociedade no modo de vida que levavam.

La visión del mundo o Weltanschauung, de los astecas, no concedía al hombre sino un papel ínfimo en la organización de las cosas. Su destino estaba sometido al todopoderoso *tonalpohualli* (ciclo do calendário). Su vida en el otro mundo no dependía en nada de consideraciones morales. Su deber consistía en combatir y morir por los dioses y por la conservación del orden del mundo. Además, la hechicería, los augurios y los presagios dominaban la vida cotidiana. Es un hecho notable que una visión tan pesimista haya podido coexistir con el maravilloso dinamismo de la civilización azteca.<sup>13</sup>

A transformação desses guerreiros em animais mostrava a proximidade desse povo com a natureza. Os astecas se sentiam parte integrante e atuantes da natureza, usufruíam dela e davam sua contribuição para que tudo funcionasse, por isso os sacrifícios humanos, (o sangue das virgens decapitadas que recuperavam o sol para que ele nascesse novamente), a extração do coração humano era feita para manter o sol girando no céu.

Entre tantas lendas, acreditavam que os deuses Céu e Terra geraram os deuses Lua e Estrelas. Mas um dia Tonantzin, a deusa Terra, enquanto caminhava pelo deus monte Tepeyac, ficou grávida, concebendo o deus Sol. É por isso que o Sol nasce na Terra e não no Céu, como a Lua e as Estrelas. As deusas Estrelas não gostam do deus Sol, por ser filho adulterino de Tonantzin e Tepeyac. E a cada dia o deus Sol, sob o ataque das deusas Lua e Estrelas, vai apagando-se pouco a pouco até cair totalmente vencido no final do dia, deixando o horizonte manchado do vermelho de seu sangue.



Durante a noite, apesar de governada pelos deuses Lua e Estrelas, o deus Sol na escuridão pode refazer-se graças ao sangue das jovencinhas sacrificadas em homenagem a ele pelos astecas. Fortalecido, o Sol é capaz de surgir novamente e clarear o dia.<sup>14</sup>

Também pudemos ver a ligação estreita dos astecas com a natureza na simbologia contida nas mortes relacionadas com a água. Os astecas que morriam afogados, por hidropisia, ácido úrico, vítimas de raios, gota ou infecções pulmonares também estavam destinados a um bom local no paraíso asteca. A pós-morte das crianças estava igualmente envolta de muitas imagens naturais (jardins floridos, pássaros, borboletas).

## CONCLUSÃO

O estudo em torno da morte asteca suscita uma série de reflexões. Como entender a imagem de guerreiros metamorfoseados em borboletas e colibris quando factualmente eram mestres em degolar seus inimigos? Como mulheres que morrem no parto tornam-se deusas? Porque a morte relacionada à água é tão louvável? Por que algumas são mais prestigiadas que outras? A complexidade que envolve o imaginário de qualquer sociedade talvez seja a explicação mais indicada para estas perguntas.

Na cultura ocidental cristã as visões em torno da morte e do morrer se tornaram perceptíveis durante os séculos. Mudaram-se os costumes, as consciências. A morte transitava da coletividade à individualidade, da espera ao temor, das festas ao luto, da familiaridade ao tabu. Assim nos descreve Áriés. Entre as quatro atitudes adotadas pela sociedade cristã ocidental diante da morte, duas delas muito se assemelham com a morte asteca. A morte domada, encarada com naturalidade e aceitação e a morte de si mesmo, encarada como um espelho que refletia seus modos de vida e seus arrependimentos.

O povo asteca construiu uma mitologia em torno da morte que contradiz o perceptível lado cruel dessa sociedade nos seus rituais sanguinários e na sua belicosidade. Ele não teme a morte que é encarada com naturalidade e embelezada por visões que a relacionam com a natureza. Esta é extremamente importante para a continuidade deste povo.

## NOTAS

---

- <sup>1</sup> “O aspecto amável do mundo asteca” In *Civilizações Perdidas*, Rio de Janeiro: Abril, 1998, p.125
- <sup>2</sup> CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Editora Moraes, 1984, São Paulo, p.8.
- <sup>3</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion S. *América Pré-Colombiana*. Editora Brasiliense, 2004, São Paulo, p.76.
- <sup>4</sup> AQUINO, JESUS, OSCAR. As sociedades Agrárias. In: *história das sociedades Américas*. Rio de Janeiro:São Paulo. Record, 2004, p. 64.
- <sup>5</sup> SOUSTELLE, Jacques. *El Universo de Los Aztecas*. México: FCE, 1982, p.57
- <sup>6</sup> MARCILLY, Jean. *A Civilização dos Astecas*. Otto Pierre Editores, 1978. Rio de Janeiro. p. 99 a 100.
- <sup>7</sup> TOLSTÓI, Liev. *A Morte de Ivan Ilitch seguido de Senhores e Servos*. Rio de Janeiro, Ediouro, São Paulo, Publifolha, 1998, p.138.
- <sup>8</sup> ARIÉS, Philippe. *História da morte no ocidente*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p.25 a 102.
- <sup>9</sup> “O aspecto amável do mundo asteca”. Op. Cit., p.147.
- <sup>10</sup> MARCILLY, Jean”. Op. Cit., p.83.
- <sup>11</sup> “O aspecto amável do mundo asteca” Op. Cit., p.125.
- <sup>12</sup> AYOCAN, príncipe de Tecamachalco In *A Civilização dos Astecas*. Otto Pierre Editores, 1978. Rio de Janeiro, p.279 a 280.
- <sup>13</sup> SOUSTELLE, Jacques. Op. Cit., p.56.
- <sup>14</sup> [www.clap.org.br/artigos/guadalupe/g\\_nossasenhora.asp](http://www.clap.org.br/artigos/guadalupe/g_nossasenhora.asp). Dia 10/12/2006